

Da Lei de Conservação

Elio Mollo

Maria L. Palhas colaborou com o desenvolvimento ortográfico deste texto

Instinto de Conservação

O instinto de conservação é Lei da Natureza. Todos os seres vivos o possuem, seja qual for o grau de sua inteligência. Em alguns, é puramente inconsciente, em outros é racional.

Deus concedeu a todos os seres vivos o instinto de conservação, porque todos têm que concorrer para o cumprimento dos desígnios da Providência. Foi por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresça-se que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Todos o sentimos instintivamente, sem disso nos apercebermos.

Meios de conservação

Tendo-nos dado a necessidade de viver, Deus nos facultou, em todos os tempos, os meios de o conseguir e, se não os encontramos, é porque ainda não os compreendemos. Não condiz com a lógica que Deus tivesse criado para nós a necessidade de viver, sem nos oferecer os meios de consegui-lo. Essa a razão por que faz Ele que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é.

Se nem sempre a Terra produz bastante para nos fornecer o necessário é que, por ingratidão, a desprezamos! No entanto, a Terra é excelente mãe. Muitas vezes, também, acusamos a Natureza do que é só resultado da nossa imperícia ou da nossa imprevidência. Se o essencial nos bastasse, o produto da Terra seria sempre mais do que suficiente. Se o que ela produz não basta a todas as nossas necessidades, é que empregamos no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário. Hoje em dia na questão agrária: conforme somos informados pela mídia, o ser humano destrói, por mau acondicionamento e desinteresse no compartilhamento, perto de metade dos grãos que colhe; portanto, hoje já se colhe mais do que o necessário para saciar a fome do mundo - então não seria problema de carência, mas de má gestão, de egoísmo, de interesse pecuniário. Sempre encontraremos do que viver, desde que não criemos para nós necessidades artificiais. Se desperdiçarmos a metade dos produtos em satisfazer nossas fantasias, que motivos teremos para nos espantar de nada encontrarmos no dia seguinte? De nos queixarmos de estarmos desprovidos de tudo, quando chegarem os dias de penúria? Em verdade, imprevidente não é a Natureza, mas nós, que não sabemos regrar o nosso viver.

O solo é a fonte primacial donde procedem todos os outros recursos, pois que, em definitivo, estes recursos são simples transformações dos produtos do solo. Por bens da Terra devemos, pois, entender tudo de que podemos desfrutar neste mundo.

É freqüente a certos indivíduos faltarem formas de subsistência, mesmo em meio à abundância. É pelo nosso egoísmo, que nem sempre fazemos o que nos cumpre. E no mais das vezes, devemos-lo a nós mesmos. "Buscai e achareis"; estas palavras não querem dizer que, para acharmos o que desejamos, basta uma atitude passiva, mas é preciso procurá-lo sempre com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muito amiúde são simples meios de que se utiliza a Providência para nos experimentar a constância, a paciência e a firmeza.

Algumas vezes, os obstáculos à realização dos nossos projetos são, com efeito, decorrentes da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, nós é que andamos errados na elaboração e na execução dos nossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se nos obstinamos em ir por um caminho que não devemos seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos nossos insucessos. Nós mesmos nos constituímos em nossos maus gênios.

Se é certo que a Civilização multiplica as necessidades, também o é que multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver. Forçoso é, porém, convir que, a tal respeito, muito ainda nos resta fazer. Quando ela houver concluído a sua obra, ninguém deverá haver que possa queixar-se de lhe faltar o necessário, a não ser por própria culpa. A desgraça, para muitos, provém de enveredarmos por uma senda diversa da que a Natureza nos traçou. É então que nos falece a inteligência para o bom êxito. Para todos há lugar ao Sol, mas com a condição de que cada um ocupe o seu e não o dos outros. A Natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas conseqüências da ambição e do excessivo amor-próprio.

É preciso, entretanto, ser cego para ignorar o progresso que, por esse lado, têm feito os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que, juntas, a Filantropia e a Ciência não cessam de despender para melhorar a condição material dos homens e, mau grado o crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção se acha atenuada, pelo menos em grande parte, e os anos mais calamitosos do presente não se podem de modo algum comparar aos de outrora. A higiene pública, elemento tão essencial da força e da saúde, que nossos antepassados não conheceram, é objeto de esclarecida solicitude. O infortúnio e o sofrimento encontram onde se refugiem. Por toda parte a Ciência contribui para acrescer o bem-estar. Poder-se-á dizer que já se haja chegado à perfeição? Não, certamente; mas, o que já se fez deixa prever o que, com perseverança, se logrará conseguir, se nos mostrarmos bastante avisados para procurarmos a nossa felicidade nas coisas positivas e sérias, e não em utopias que nos levarão a recuar em vez de nos fazerem avançar.

Há situações nas quais os meios de subsistência de maneira alguma

dependem da nossa vontade. Assim sendo, a privação seria uma prova, muitas vezes cruel, que nos compete sofrer e que, embora esquecidos, sabíamos de antemão que viríamos a estar expostos. Nosso mérito então consiste em submeter-nos à vontade de Deus, desde que a nossa inteligência nenhum meio nos permita de sair da dificuldade. Se a morte vier a nos colher, cumpre-nos recebê-la sem murmurar, ponderando que a hora da verdadeira libertação soou; e que o desespero no derradeiro momento pode invalidar por completo o resultado.

Muitas vezes nos perguntamos: Será crime, em certas situações críticas, por exemplo, vermo-nos na contingência de sacrificar nossos semelhantes para matar a fome e perpetrarmos o ato? Sendo crime, este ato não se terá revestido da intenção de atenuar a nossa necessidade de viver, resultado do instinto de conservação? Ora, há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação; pois, em tal caso, há homicídio e crime de lesa-natureza, falta que será duplamente punida.

Nos mundos mais evoluídos a organização é mais apurada, mas mesmo assim os seres vivos têm necessidade de alimentar-se; contudo os seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciosos para os nossos estômagos grosseiros; assim como os deles não poderiam digerir os nossos alimentos.

Gozo dos bens terrenos

O uso dos bens da Terra é um direito de todos nós, mas esse direito é conseqüente da necessidade de viver. Deus não imporá um dever sem nos oferecer o meio de cumpri-lo.

Deus fez os atrativos nos gozo dos bens materiais com o fim de nos estimular ao cumprimento da nossa missão e para experimentar-nos por meio da tentação. O objetivo dessa tentação é desenvolver em nós a razão, que deve preservar-nos dos excessos.

Se só fôssemos induzidos a usar dos bens terrenos pela utilidade que têm, nossa indiferença talvez houvesse comprometido a harmonia do Universo. Deus imprimiu a esse uso o atrativo do prazer, porque assim somos impelidos ao cumprimento dos desígnios providenciais. Mas, além disso, tendo dado Deus ao uso dos bens terrenos esse atrativo, quis Ele também experimentar-nos por meio da tentação, que poderá nos arrastar para o abuso, desde que não usemos a razão e o bom senso para nos defender.

A Natureza traçou seus termos aos gozos para nos indicar o limite do necessário. Mas, pelos nossos excessos, ultrapassamos a saciedade e nos punimos a nós mesmos.

Quando procuramos nos excessos de todo gênero o requinte do gozo, colocamo-nos abaixo do bruto, pois que este sabe deter-se, quando satisfeita a sua necessidade. Abdicamos da razão que Deus nos deu por guia e, quanto maiores forem nossos excessos, tanto maior preponderância terá a natureza

animal sobre a nossa natureza espiritual. As doenças são conseqüências à transgressão da Lei de Deus.

Necessário e supérfluo

O homem ponderado conhece o limite do necessário por intuição, mas muitos só chegam a conhecê-lo por experiência adquirida através de esforço próprio.

A Natureza traçou o limite do necessário em nossa própria organização, mas geralmente somos insaciáveis, e por meio dos vícios alteramos nossa constituição criando necessidades que não são reais.

Quando monopolizamos os bens da Terra para auferir o supérfluo com prejuízo daqueles a quem falta o necessário, olvidamos a Lei de Deus e teremos que responder pelas privações que houvermos causado aos outros.

Nada tem de absoluto o limite entre o necessário e o supérfluo. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece. O homem civilizado não deve viver como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão regradar as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que nos levam a prestar mútuo apoio. Quando vivemos à custa das privações dos outros explorando em nosso proveito os benefícios da Civilização significa que temos apenas o verniz, como muitos, que da religião só têm a máscara.

Privações voluntárias. Mortificações

A lei de conservação nos obriga a prover as necessidades do corpo, porque, sem força e saúde, impossível é o trabalho.

É natural o desejo do bem-estar. Deus só proíbe o abuso por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem e não venha a diminuir-nos nem as forças físicas, nem as forças morais.

As privações dos prazeres inúteis nos desprendem da matéria e nos elevam a alma. É meritório resistir à tentação que nos arrasta ao excesso de interesses; tirar de nós o que nos é bastante para dar aos que carecem do necessário também é meritório: todas ações que fizermos em prol de nossos semelhantes serão meritórias aos olhos de Deus. Mas a privação que não passar de aparência, será uma irrisão.

Se a vida de mortificações ascéticas que existe desde a mais remota Antigüidade - e que teve praticantes no seio de diversos povos - serve somente para quem a pratica mas o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam colorir-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, eis a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.

É racional alimentarmo-nos de tudo o que não nos prejudique a saúde.

Alguns legisladores de diversos povos, porém, com um fim útil, entenderam de interdizer o uso de certos alimentos e, para imprimirem maior autoridade às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus.

Dada a nossa constituição física, a alimentação animal não é contrária à Lei da Natureza - ainda a carne alimenta a carne, do contrário perecemos. A lei de conservação nos prescreve, como um dever, que mantenhamos nossas forças e nossa saúde para bem cumprirmos a lei do trabalho. Temos, pois, que nos alimentarmos conforme o reclame a nossa organização.

Será meritório nos abster da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação, se a prática dessa privação for em benefício dos outros. Aos olhos de Deus, só há mortificação havendo privação séria e útil. Seremos hipócritas se apenas aparentemente, sem um propósito útil ou por pura vaidade, nos privarmos de alguma coisa.

Será que são úteis as mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais? Ora, a Deus não pode agradar o que seja inútil e o que for nocivo. Lhe será sempre desagradável. Deus só é sensível aos sentimentos que elevam para Ele a alma. Obedecendo-Lhe a lei é que poderemos forrar-nos ao jugo da matéria terrestre.

Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem. É ilusão pensar que se adiantam no caminho do progresso os que abreviam a vida, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos, os faquires e alguns fanáticos de muitas seitas. Seremos muito mais úteis se preferirmos trabalhar pelo bem de nossos semelhantes - vestindo o indigente; consolando os que choram; trabalhando pelo que estão enfermos. Sofrer privações só se for para aliviar os infelizes - então nossas vidas serão úteis, agradáveis a Deus. Sofrer alguém voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos do Cristo.

Contra os perigos e os sofrimentos é que o instinto de conservação foi dado a todos os seres. Fustiguemos o nosso espírito e não o nosso corpo, mortifiquemos o nosso orgulho, sufoquemos o nosso egoísmo, que se assemelha a uma serpente a nos roer o coração, e faremos muito mais pelo nosso adiantamento do que infligindo-nos rigores que não mais se coadunam com esta época em que estamos vivendo.

BIBLIOGRAFIA:

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Livro terceiro, cap.V, qq. 702 à 727

(Estudo reproduzido com a autorização do autor)